

DOLEAS

MOMENTOS

de

AMOR

e

CAMINHOS



16.17
M.1-70

Wandeck e
Waldick Pereira

WANDECK e WALDICK
PEREIRA

Momentos de Amor

e

Caminhos

Nova Iguaçu

1970

DOIS POETAS, DUAS PALAVRAS

Numa tão citada "carta a um jovem poeta", Rainer Maria Rilke, o grande lírico, enclausurado em sua solidão irremediável, aconselhava: "Examine-se a fundo até encontrar a mais profunda resposta. E se lhe vierem versos dêsses regresso a si próprio, dêsses mergulho no seu mundo, não pensará em perguntar se são bons ou não, não procurará conseguir que revistas e jornais se interessem pelos seus trabalhos, porque gozará dêles, como uma posse natural, como um dos seus modos de vida e expressão".

"Leia o menor número de trabalhos críticos ou estéticos — continuava êle. Estes, ou são produto de espíritos de "igrejinhas", petrificados, privados de sentido no seu endurecimento sem vida, ou hábeis jogos verbais. Um dia, uma opinião faz lei; no dia seguinte, a opinião contraria".

Costumo aconselhar os poetas moços que me pedem uma palavra de estímulo, que leiam os bons autores, para poderem apurar o próprio espírito crítico, e desta forma, prescindirem de opiniões, tantas vezes sujeitas aos interesses pequenos dos contemporâneos.

Wandeck e Waldick são dois irmãos, cujos nomes se parecem, mas com características bem diversas na inspiração. Waldick é mais derramado, menos lírico no sentido de menos objetivo, mais descriptivo. Aí estão dois exemplos nos poemas "Maria Pretinha" e "Canto ao Caminheiro Só".

Wandeck, com mais tendência à síntese, mais voltado para dentro de si mesmo, encontra no amor a tônica de seu verso. E é tão difícil falar em amor, em qualquer tempo! O amor, o mais velho e o mais belo de todos os temas!

Aqui estão dois poetas, de mãos dadas, versos entrelaçados, na xipofagia gráfica de um mesmo volume. Dois corações, entretanto batendo em ritmos e emoções diferentes.

Que encontrem ressonância para a sua mensagem, que emocionem, que contribuam com um pouco de poesia para um mundo tão cheio de des-caminhos, angústias e tão árido como a face da lua dos astronautas (Não a lua dos poetas).

J. G. de Araújo Jorge

1.ª PARTE

MOMENTOS DE AMOR

Wandeck Pereira

ANGÚSTIA

Procuro algo que não sei que é,
mas sinto em mim,
que não tem forma,
mas constitui a beleza da vida.
Que a vida sem essa forma
não tem razão de existir.

Procuro algo indefinível
mais forte que o milagre da vida,
maior que a dor da saudade,
bem mais santo que o arrependimento,
tão grande quanto o mistério da morte;
algo que sei existir e me faz falta
como o sentido de felicidade
que me anima a viver.

As vêzes pressinto-o chegar
num riso, num olhar,
na ternura de uma confidênciia,
na santidade de uma lágrima
de quem me diz: "Sou tua".

OFERENDA

Para vê-la sorrir,
daria meus lábios;

para não vê-la chorar,
daria meus olhos;

emudeceria para vê-la cantar
e cantaria para vê-la sonhar.

Olvidaria tudo a seu favor.
Se não tivesse amor,
daria meu coração
cheio de carinho e paz,
para que sentisse
a ternura de viver.

No último adeus de nossas vidas,
daria minhas mãos para o aceno final!

SAUDADE

Como uma das sombras
que visitou o poeta,
a Saudade bateu à minha porta e disse:

Deixa-me entrar!

Sei que não podes
viver sem mim...

Tenho direitos sobre tua
felicidade.

Não sairei daqui
até
que me deixes voltar
à tua companhia.

Não quero que sofras sózinho.

Aonde fóres eu irei também,
serei tua sombra
e tua estréla guia.

Deixa-me entrar!

quero falar daqueles dias
de solidão
que passamos neste mesmo quarto;
farei com que lembres
as lágrimas que choraste e que ninguém viu;
as noites de insônia
na ansiedade de ser amado.

Lembrarei o nome que nunca esqueceste
de quem te esqueceu depressa...

Quero ver em teus olhos
o cansaço da longa espera;
quero sentir teus lábios frios de beijos
e ouvir teus passos procurando quem não vem...

Deixa-me entrar! Não sejas ingrato,
esquecendo a companheira
que te deu tanta inspiração...

Deixa-me entrar! Ainda a ouvi dizer
quando a madrugada chegava.

Depois, calou...

Foi-se embora — pensei — abri a porta
e lá estava ela
cansada,
dormindo na calçada
fria.

Creio que amanhã ela voltará
A me pedir abrigo,
enquanto teimo na esperança
do teu regresso.

SAUDADE

II

Pode ser, Saudade,
que eu me lembre de ti,
de teus apelos e insinuações;
de que fôste a inspiração para meus versos
e a companheira inseparável
de minha solidão.

Pode ser que te recorde submissa
deitada a meus pés,
como uma sombra que chegou
e me pediu guarda
e em troca prometeu não me deixar sofrer
sózinho.

Pode ser, Saudade, que me lembre de ti,
Mas, agora, deixa-me com ela
porque em seu carinho
eu encontrei a vida;
em sua voz achei doçura
para o travo das ilusões
e em seus beijos provei a glória
de me sentir amado.

Pode ser que me lembre de ti, Saudade,
mas ela voltou para ficar
e trouxe consigo
na pele morena
a flor do perdão
e eu não tenho siquer
um canto no peito
onde possa te abrigar.

FRUSTRAÇÃO

Vaso de porcelana
flôres caras
no vaso e nos cabelos
vaso quebrado
flôres no chão
pisadas
esquecidas.

EU TE AMO

Quanta felicidade existiria
se me quisesse como te quero.

Como seria sublime amar-te
mesmo por alguns momentos,
sem fronteiras,
sem preconceitos,
desesperadamente.

Eu te amo,
mesmo mentindo
o sofrimento e a agonia
da aparente indiferença.

Eu te amo com resignação...

Penitencio-me ao teu carinho,
choro ao teu olhar de abandono,
suplico tuas mãos
e teus beijos.

Ah! se não existissem as barreiras
nem os caminhos paralelos
que nos impedem de seguir
na mesma estrada, lado a lado...

Como me faz bem amar-te,
mesmo assim,
distante...

NOSTALGIA

Quando se perde um amor,
vem logo a necessidade de se buscar
uma ilusão para o coração vazio.
Sentimos o abandono nas lembranças.

Não sorrimos,
nem cantamos
porque a felicidade não está em nós.
Logo a seguir vem aquela
dor que sufoca a alma
e um desejo louco de voar.

As vêzes sentimos necessidade
de chorar,
chorar
e fugir,
para depois, secando as lágrimas,
ouvir a consciência
e voltar tentando a
reconciliação.

GUERRA

Toque de avançar.
Ataque.
Terror domina.
Soldado pensa
Matar! Matar!
Mãe distante costura e chora...
Apontar! Fogo!
Corpos caídos
pedaços de gente
soldado contempla
irmão brinca de "pique" na rua distante.
Chora...
Covarde
morreu sem atirar
não foi herói.

FRACASSO

Fracassei...

Depois de longa espera
de angustiosa solidão,
você reapareceu
para dizer
que fracassei.

Depois de suplicar carinho,
amor e compreensão,
você voltou...

Guardei por muitos anos
todo meu amor para lhe ofertar,
como armazenei nos meus olhos
a alegria do reencontro.

Na ânsia incontrolável
de fazê-la feliz,
esqueci que a humildade é o primeiro prêmio
de amor
e fracassei...

Saio vencido, derrotado,
sabendo que não poderei encará-la
porque novamente
fracassei.

AMOR

Volto a falar do amor
que sempre desejei,
dos sonhos de criança
que alimentei,
como se fôra um bichinho
de estimação.
Volto a falar do amor
que nos fêz felizes
antes da separação...
E volto mais cansado
porque a espera foi longa
para mim;
meus cabelos ficaram grisalhos
e meus olhos ficaram amortecidos
pelas vigílias
de esperar teu regresso.

Quando voltares, verás
que meus lábios ressequidos
pela sede de teus beijos,
se abrirão como a flor à chuva
que vivifica.
Verás como envelheci
na tua ausência
e como haveria mais ternura em mim
porque o abandono
e a solidão
me ensinaram a lição
de que preciso de ti.

SENTIR SAUDADES

Sentir saudade é não esquecer
o primeiro encontro
e o primeiro beijo;
recordar risos e prantos
e amar sem esperar ser amado;
é dar todo carinho em troca
de um sorriso;
é procurar sentir os desejos da amada
esquecendo-se de si;
é contar o tempo para o beijo da chegada
e retardar a despedida,
sentindo que a espera é sempre longa;

sentir saudade
é ver o coração saltar diante
do encontro inesperado;
é beijar o travesseiro que ficou
com o perfume dos cabelos da amada;

sentir saudade
é encontrar no sofrimento
a sublimação do amor.

AXIOMA

Não conseguirei esquecê-la
se só tenho você no pensamento

Não poderei deixá-la de amá-la
se só em você encontro amor.

Não poderei deixá-la sofrer
se padeço com seu sofrimento.

Não deixarei que chore
se não conterei minhas lágrimas.

Não poderei deixá-la na solidão
se vivo em permanente abandono.

Não poderei deixá-la sem esperança
se minha felicidade está em sua segurança.

Não poderei deixá-la sem carinho
se tenho ânsias de carícias.

Não poderei deixar de vê-la
se sua presença alegra meus dias.

Não poderei negar meu amor por você
se seu amor está em minha vida.

Não poderei deixá-la morrer
se morrerei, sem você...

CASAMENTO

Porta-retrato
comprado na feira
Retrato de casamento
por trás do bôlo...
Comêço de vida
com açúcar
ilusões de glacê.
Sacrifício
e alegria
dos obstáculos superados.

Porta-retrato
de vidro quebrado
e o casamento ficou
desfeito em pedaços
como o vidro no chão...

QUANDO

Quando seus cabelos ficarem brancos,
quando sentir no peito o aguilhão da saudade,
quando seus lábios clamarem por outros lábios
para a comunhão do Amor;
quando seus passos tremarem pelos anos,
quando a visão lhe faltar para as montanhas
distantes e o vôo dos pássaros;
quando tudo faltar em sua felicidade,
eu estarei à sua espera...

Serei juventude para seu corpo
e alegria para secar seu pranto;
serei amor e carinho,
serei seu guia
para cruzar o riacho da vida.

Serei sol e lua,
serei luz e calor,
serei fonte no deserto
e fogo para aquecer o sangue de suas mãos;

Serei bússola para seu caminho,

Serei
apenas
Eu...

SE EU PUDESSE

Se eu pudesse novamente,
amaria.

Se eu pudesse fazer alguém feliz de novo,
faria.

Se eu pudesse sofrer para que alguém não chorasse,
sofreria.

Se eu pudesse chorar, para com minhas lágrimas
matar a sede da amada,
choraria.

Se eu pudesse nascer novamente
para trazer ingenuidade e pureza,
nasceria.

Se eu pudesse dar minha vida para que ela
viva eternamente,
daria...

Tudo faria para que ela não sofresse,
não chorasse,
não sentisse frio nem sede
e vivesse eternamente
para cuidar de meus sonhos.

POEMETO DO OPERÁRIO SUBURBANO

Saída do trabalho
no cartão do relógio
corre-corre
que o trem não espera
Aperto
suor
cansaço
esperanças.

Chegada em casa
filho sem bêrço
dorme sorrindo
espôsa reparte
mesa de fome.

Despertador acorda o sol
Saída para o trabalho
no cartão-de-ponto
começa outro dia
igual ao ontem
igual ao amanhã.

CREDO

Crer na mulher amada
é o segredo da eternidade.

Crer nas palavras sussurradas,
crer nos beijos,
crer, acima de tudo, no amor,
é o segredo da felicidade.

Quando as esperanças vão dizendo adeus,
quando os olhos já não choram mais
e o peito está murcho de soluços,
crer no amor é renascer
na liberdade das aves,
no perfume das flores,
no calor do sol
e nas bênçãos de Deus

RECORDANDO A INFANCIA

Hoje, voltei ao passado.
Aos dias de meninice, quando não sabia
o que seria
a vida.

Meus tempos de calças curtas
e as bolas-de-gude cantando nos bolsos...

Hoje recordei a primeira professora
do Jardim-da-infância em Maceió.
Lembrei-me de Luzinete — a primeira namorada
e os banhos de mar, na Avenida da Paz
e as caronas nos bondes que iam para Bebedouro...
Revi a velha escola — porta aberta que me lançou
à vida.

Hoje, sonhei viajar no "Inconfidente" que me
trouxe sobre o mar para viver no Rio.

Hoje chorei as mesmas lágrimas da infância
quando troquei tudo pela ânsia de subir e
Voltei ao passado e novamente chorei porque é dia
de Cosme e Damião e distribuí balas para as
crianças de minha rua que não me conhecem,
mas brincam sob a mesma mangueira do meu
balanço...

Hoje voltei a ser criança feliz.

RAPSÓDIA INTERIOR

Quero esquecer-me de tudo
viver ilhado
só
esquecer compromissos
e a minha religião
esquecer que sou bicho
devorando outros bichos
para poder viver
não mais noites indormidas
procurando me resolver
como detento arquitetando a fuga
impossível.

Quero viver agora
andar despido
barbado
sem lar, sem pátria, sem Deus
libertar meus sentidos recalcados
meus desejo mais secretos
como fera do sertão:
— em cada gesto um pecado
em cada palavra uma blasfêmia
em cada fêmea um prazer
sem remorso sem perdão

Viver a vida
com cem olhos
com cem mãos
com cem membros fecundantes
Quero esquecer tudo
a morte principalmente.

— 28 —

ESPERANÇA

Agora não falarei de
tristeza nem abandono
— meu quarto que era vazio
está cheio de alegria
na camisola que você deixou sobre a cama.

Hoje acordei ouvindo o canto
dos pássaros vadios
em melodias de graças e amor.

Ah! os sentidos do amor
fazem perceber coisas jamais
adivinhadas...

O sol entrou em meu quarto e aqueceu
as paredes — molduras da solidão
que hoje acabou.

No quadrado infinito da janela,
as nuvens se transfiguram
transmitindo paz e amor.

Obrigado, querida, por ter voltado...

— 29 —

SOZINHO

Quando fôste embora
Levaste minhas cartas,
meus poemas
e meu retrato
e a distância ficou maior entre nós dois.
Nossa casa
é como um violão sem cordas,
abandonado
e mudo.

Ontem choveu
e pela vidraça as gotas corriam
separadas
para se juntarem na lama da calçada,
como o inexorável destino
que nos dará a morte.

Ontem choveu, no dia que fôste embora
e deixaste a saudade
rolando pela vidraça,
caindo no chão,
levando meu destino
de solidão.

COMO PRECE

“Deus, nosso Pai, que sois todo poder e bondade...”
trazei de volta meu amor,
dai forças ao meu coração para que resista
à solidão.
Dai luz ao meu espírito, iluminando-o em seu
caminho.
Tirai-o das trevas do abandono e descrenças.
Ponde no coração da amada, a compreensão e o amor.
Que a vossa graça caia sobre a terra,
eliminando a maldade dos homens.

Fazei-nos humildes em nosso amor e concedei-me a
graça de vê-la sorrir nos meus braços.
Senhor, que a vossa bondade seja exemplo de fé
para todos os desiludidos.

Aos que têm amor, fazei brotar a magnitude da
santidade, conservando-os juntos eternamente.

Deus, saciai nossa sede de paz e amor
porque, então, seremos felizes
e não choraremos a desilusão de viver sózinhos.
Humildemente Vos imploro:
— concedei-me a ventura de vê-la de novo
sorri nos meus braços...

O homem que tomba
na luta da vida
é árvore que brota do chão:
—seus pés são raízes fincados no chão
—seus olhos são fôlhas chorando pecados
—seu busto é tronco com nomes e datas
—seus braços são galhos onde ninhos se escondem
—seu sangue é seiva pingando no chão
—seu sexo são frutos
que pendem maduros
altos
impossíveis
aos vermes do chão.

O homem que tomba
de tanto dormir
é árvore que fica murchando
transmudando-se
caída
roída
pelos vermes do chão

Agora eu vou-me embora mais sózinho
sem sombra atrás de mim
tão só tão só
que a minha solidão encobre as ruas
e as despovôa tôdas nesta noite.

Agora eu vou-me embora
o meu caminho
é o caminho dos homens desprezados
dos que não têm mais fé nem ideal
nem nos olhos presos
lembranças de dias felizes

Dos que cansaram de lutar
e agora são filósofos inúteis
caídos à beira das estradas
pregando a paz
amor
utopias
que não vingam no chão tinto de sangue.

Depois eu vou-me embora duma vez...

POEMETO INACABADO

Minhas mãos pousaram sobre a mesa
como aves feridas
entre os dedos a caneta inútil
esperando o momento de escrever
palavras bonitas e sentidas
e o momento não vem.

As palavras se afogam na tinta.
O papel branco
— nêle uma blasfêmia
confissão
ou juras de amor.

Caneta e papel
— duas jóias caras
que não posso lapidar
na incapacidade prematura
dos vocábulos
da sintaxe
das figuras gramaticais.
Sou dono de uma jazida
que não sei explorar.

Minhas mãos esquecidas
amputadas das idéias
isolaram-se de mim.

OCASO

Galho quebrado
Fôlha caída
Deserto n'alma.
Desespêro, agonia,
Fim da estrada
Galho quebrado:
Fim da vida.

ILUSÃO

Quantas poesias,
quantas canções,
quantas lágrimas já motivaram a saudade...

Depois de cada despedida,
o coração sente um pouco de morte
na separação
e na saudade.

E as lembranças diluídas no tempo
vão desfilando uma a uma:
— os olhos verdes cheios de promessas,
um fragmento de canção,
um nome, um número, um lugar
— contas pequenas de um rosário de amor...

Quantas ilusões
ficam boiando depois de cada
naufrágio de amor,
levadas pelas correntes
do pensamento sólto,
perdidas no infinito
da saudade.

POR QUE?

A nostalgia aproxima-se galopando
trazendo a saudade
que não me deixa um só momento.

Tenho vontade de procurar-te agora
e perguntar por que
não recomeçar a viver,
mesmo que condenem nossa união.

Por que brigamos
se é tão pouco o tempo de nós dois
e o remorso depois
trás o gôsto da separação?

Por que brigamos
se basta a lembrança
dos passeios despreocupados
e o sonho realizado,
para atestar que mais do que antes
nos pertencemos
mútuaamente?

Por que sentir que já não somos
os mesmos de antigamente,
se abençoamos o dia que nos conhecemos?

Vamos tentar mais uma vez
compreender que é preciso lutar
para salvar
nossas vidas.

2.^ª PARTE

CAMINHOS

Waldick Pereira

CANTO AO CAMINHEIRO SÓ

Caminheiro, o que buscas nas estradas
empoeiradas
que não terminam quando chega a noite?
o que te leva a seguir
de encontro ao horizonte que não alcançarás
antes da morte?
onde dormiste ontem e hoje dormirás,
se o castelo de teus sonhos
ficou vazio atrás,
perdido na saudade e na distância
da infância?
que levas na mochila que verga tuas pernas
e tanto cansaço te dá?
por acaso é menos leve a ilusão
ou a esperança
que não cabem na mochila do peito?

E o vagabundo olhou para mim... sorriu
e sem nada dizer, partiu.

Caminheiro, o que buscas nas estradas
se trazes o sol na barba,
o luar nos cabelos
e a poeira de tuas botas sem fronteiras
falam de terras que teus olhos viram
e já esqueceram na pressa do sempre-amanhã pelos
caminhos do presente?
Acaso buscas o amor? alguém chorou tua partida
e mil lenços brancos te disseram adeus!

Amor que se persegue é fantasia,
romance medieval
que a solidão cria
na alma do triste, desiludido e só!
Se buscas a fortuna, por que não vês
os tesouros que pisas e desprezas
nas pedras
que faiscam como teus olhos?
Será a paz?
Jamais
a encontrarás fora de ti!
Em nenhum recanto, oásis, mata, ilha, gruta
ou montanha, por mais isolado que fôr,
descobrirás a paz se não houver amor
dentro de ti!

E o vagabundo olhou para mim... sorriu
e sem nada dizer, partiu.

O que buscas, então, caminheiro, pelas estradas?
As madrugadas
já te viram chorar olhando as estrélas sumindo,
como o distante dest'no
do menino
buscando os olhos da mãe defunta na amplidão;
o sol de muitas sédes já rachou
teus lábios que não sabem uma oração.
Por ventura, procuras a amizade
tão rara
que conforta e ampara,
como a bengala ao cego e o cajado ao pastor?
A amizade, caminheiro, é jóia pura e cara
que quase ninguém conhece seu valor.

Por isto, vagabundo,
no mundo
o que buscas se não amizade, paz, fortuna ou amor?
E o vagabundo parou e disse assim:
— Há um bem maior que a amizade,
maior que o amor, o céu, a fortuna e a paz,
bem maior que tudo que existe;
maior que a angústia de ser triste,
maior que o riso da bondade,
Muito maior que tudo que vimos e deixamos atrás.
E este bem é o direito
que nasce com o homem, feito
de conquistas, ascensões, renúncias e esperanças...

O direito de dormir ao leu,
sobre a relva e sob o céu;
de se encontrar
em cada flor que se abre,
em cada pássaro no ar,
em cada caça que não teme o tiro,
em cada onda do mar;
o direito de ser o que somos
e não o que dizem que devemos ser...
De escolher

meu próprio Deus e Lhe dizer numa oração sentida:
— Eu Te amo porque não me escolheste. Eu escolhi
a Ti...

O que busco, môço triste, é como
aquilo que Moisés também buscou:
— a essência da vida,
a semente do Universo,
a glória de dizer num verso
a frase que comove e pacifica.....

O vagabundo calou... Por um momento
a estrada ficou no espaço
suspensa nos seus olhos.
E ao sol da tarde,
fazendo sombra no horizonte,
num suspiro de ansiedade:
— O que busco, môço triste, é a Liberdade..

E o vagabundo olhou para mim... sorriu
e sem nada mais dizer, partiu...

APENAS ORAÇÃO

Tiro a gaita do fundo da mochila
para fazer um dueto com o riacho
que é vagabundo também.
Não há feitiço na canção que toco, porque
nem mesmo é canção;
apenas sopro as notas e a alma tranqüila
compreende a intenção
do desabafo.

Não te rias de mim! Ninguém
já me ouviu tocar pelas estradas,
porque toco para mim...
Quando minha barraca, à beira do caminho,
dentro da noite, se confunde além;
quando as estrélas ficam tão perto,
assim
que as poderia pegar;
quando o bacurau das madrugadas
e as corujas assustadas
ouvem o grito do saci
quando a consciência vai dialogar com os grilos
e as pererecas nas fôlhas de capim;
quando aqui
o silêncio tem cheiro de lírio-do-brejo
e é pesado como a cerração;
tiro a gaita do fundo da mochila
e a alma tranqüila
reza uma oração!

O ANDARILHO

Apenas venho
Não trago mensagens, presentes ou lembranças
que possam alegrar minha chegada
diante de ti.

Venho de muitos lugares. Tenho
o cansaço das múmias enfaixadas
e vi
por caminhos sem retorno,
trapos sujos nas cercas que fazem as fronteiras
entre o real e o sonho;
eram restos dos que tentaram seguir meu rumo
nas estradas...

Não me dês tua cadeira
que tenho medo de dormir.
Basta que me molhes os pés
para seguir
depois que te chamar: "Amada"

Tampouco quero tua mesa e tua cama!
Pois que vale o pão se não tenho amor
e de que vale o amor se não posso parar?
Minha alma está nos pés e clama
o infinito das estradas para andar,
buscando os que já foram, sem esperar os que virão
Se eu fosse pássaro, voaria até morrer de voar..

E depois quando eu partir,
se o vizinho curioso perguntar:
— Quem era? O que te disse? O que queria?
Dirás apenas, sem mágua:
— Não sei! Chegou cansado e me pediu água.
Agradceu com um canto e me chamou "Amada".
Colheu a rosa que se abria
e me ofereceu a Liberdade,
na grandeza de não ser ninguém...

A DOR DE CRISTO

O Homem falou
os mares se abriram
deixando na areia
peixes não peixes
morendo nas algas
o Homem falou
os séculos deixaram montanhas
que andaram
fazendo um caminho
não tinto de sangue
de sons colorido
das coisas futuras
o Homem falou
os homens não viram
seu coração nas palavras
Os mares se abriram
montanhas andaram
os homens não viram
o Homem chorar.

NÃO ENTENDO O MUNDO SEM AZUL

Na estrada
distante,
perdida na geografia,
hoje encontrei um pedaço de lápis azul...
Lembrei-me de ti. Queria
faz muito tempo ter algo para te dar
e não via
nada de valor no meu embornal.

Decerto uma criança o perdeu.
Penso quantos sonhos garatujou êste lápis azul
no mundo colorido de fantasia
da criança...
Agora, como pintará o céu e o boi pastando no curral
se o azul é lembrança
de calma, beleza, paz e harmonia?
Como dizer, agora, que seu mundo não é espelho
de sangue na terra
e o rio vermelho
não encerra
desejo de matar?

Este pedaço de lápis azul que achei
é o que tenho de mais precioso para te dar...

INICIAÇÃO

Se seguires comigo, mostrarei
que a vida se reparte pelos campos
e que só aos iniciados,
em festas de mistérios e surpresas,
ela se mostra despida dos cuidados
e sutilezas
com que se cobre aos que vivem na cidade,
Compreenderás o segredo da Natureza
nos ninhos das aves,
nas flores humildes, na água que brota
da terra..
e encerra
um ciclo da criação.

Se seguires comigo, eu te darei
nôvo conceito de solidão
e alegria
e até mesmo do tempo zombarás!
Se queres vir, não tragas nada.
Na estrada
encontrarás
tudo que te falta.
Serás rei
do teu próprio destino.
Ninguém te dirá o que fazer
nem perguntará quem és,
porque somos todos apenas vagabundos
procurando o tempo de liberdade e paz
que os homens baniram do mundo.

MEU CANTO

Meu canto
Perdido
Não volta
Jamais...
Foi sonho
Sem graça,
Tristonho,
Fumaça,
Não traz
Lembrança
Nem faz
O encanto
Ferido,
Distante,
Banido,
Acordar.

Meu canto
Tem pranto,
Tristeza
E dor,
Descrença,
Revolta;
Não pensa
Beleza
Na volta
Do amor.
Meu canto

É gôta
Pingando
No chão;
Fiapos
De sonho
Pagão.

Meu canto
Menino,
Sem medo
Nem pêias,
Brincando,
Pulando,
Fugindo,
Deixando
Brinquedos
Na areia.

Meu canto
Agora
É só
O passo
Seguindo
No pó,
Marcando
Compasso
Nos saltos
Das botas
No asfalto
Enganos
Sem conta,
Meu canto
Não viu;

Agora,
Descrente,
Mais bruto,
Surgiu.

MADRE TERESA

Madre Teresa é pura como um lírio
transpira santidade em seu olhar
nem parece mulher...

Madre Teresa tem os lábios finos
e as mãos como longos círios
transparentes

Advinho-lhe as formas das côxas, do ventre,
dos seios apertados
acobertados nas roupas negras

Madre Teresa tão bela, humilde e casta
é árvore coberta de flôres ..
sem frutos
estéril

Madre Teresa deveria estar casada
cheia de filhos enchendo a casa
quebrando vidraça, jogando na rua,
mas preferiu o convento triste
calado
soturno como um túmulo vazio

Madre Teresa não conhece a vida
que existe sólta nas ruas
não conhece a alegria do primeiro encontro
ou dum cartão desenhado com dois corações
escondido
dentro da Geografia.

Madre Teresa nunca tremeu no susto de emoção
do primeiro beijo
não conhece artistas de cinema
nem novelas...
nem parece mulher...

É por isto que Madre Teresa é triste
na sua palidez de virgem santa
é por isto que ela evita olhar os que passam
e perguntam imaginando coisas
por que tantas virtudes se perdem em vão?

Eu tenho pena de Madre Teresa
ser espôsa de Jesus.

CANTO DA RESSURREIÇÃO

Dá-me teus olhos, amada,
vou pra rua e quero ver
jardins ao longo da estrada.
Quero ver a côr da alegria
nas cortinas das alcôvas,
na gravata do comerciário,
na fita dos cabelos da balconista,
na farda da normalista.
Dá-me teus olhos, amada,
que os meus só vêem o cenário
de rostos pessimistas,
de passos apressados
ao encontro da incerteza
e esfarrapados
meninos que me pedem pão.
Dá-me teus olhos, amada,
tenho medo da tristeza.

Dá-me teus pés, amada,
vou pra rua e quero andar
nos caminhos da inocência
e encontrar
o mundo criança brincando de roda:
mãos pretas, mãos brancas, formando um cordão
de amor e de paz.
Dá-me teus pés, amada,
que os meus só pisam caminhos
de manchetes de sangue...

Dá-me teus pés, amada,
tenho medo de andar...

Dá-me tuas mãos, amada,
vou pra rua e quero dar
felicidade em cada porta.
Rearmar tetos caídos,
abraçar os esquecidos,
acenar para os que partem sem ter siquer um adeus;
enxugar prantos,
colher rosas
levando o perfume nas mãos.
Dá-me tuas mãos, amada,
as minhas pendem cansadas,
preguiçosas,
recontando finadas ilusões.

Dá-me teus lábios, amada,
quero fazer a queixa mais sentida
que já chegou a Deus
em forma de oração,
pelo bem da humanidade.
Dá-me teus lábios, amada,
que tenho a boca ferida
pelas palavras-punhais desferidas
no escuro da solidão.

Dá-me um pouco de ti, amada,
amanhã acordarei o dia
para anunciar a paz...

GÊNESE

No princípio era o Verbo apenas
e o Verbo era o Nada que existia
no silêncio sem fronteiras
das coisas que viriam ser
terra e fogo,
luz e mar,
animais e vento

Depois o Verbo cansado de sonhar
fêz-se a si próprio e existiu
na imaterialidade do desejo
mas encontrou-se só
só e só
e nem sombra viu

E foi que o Verbo solitário
pôs-se a fazer brinquedos
imaginou mundos dispersos
como tijolos de seu caminho
bolas de fogo
como círios de seu lar
criou leis e elementos
plantou flores e frutos
para as aves que seriam
mensageiras de seus mundos.

De sua voz fêz o canto
de seu hálito e perfume
de seu riso fêz o vento
de sua sanga a tempestade
de seus olhos fêz a luz
de suas lágrimas o mar
mas encontrou-se só
só e só
como criança perdida
entre seus brinquedos

E veio a idéia mais feliz
de se fazer retratar
para ter com quem falar
e fêz um boneco de carne e sangue
e lhe deu corda e mandou andar
e pensar e viver.

SILENCIO QUASE NADA

Acostumei meus ouvidos
ao silêncio tumular
de vozes que nunca falaram
nenhuma língua universal
palavras soterradas na poeira
vinda de outros mundos distantes
queixas de coisas inexistentes
acobertadas no mistério da noite
sem nunca madrugada
lamento das almas sombrias
lavando a roupa dos crimes
no riacho da penitência
pranto inexpressivo das rochas frias
anavalhadas pelos séculos
das árvores sem frutos
desprezadas na primavera
Acostumei meus ouvidos
à transmutação da matéria
à surda sinfonia
das moléculas se formando
na realização só visível
nos séculos que hão de vir
aos sons jomais audíveis
explicando mistérios
por isto quando a noite vem
tranco-me em mim mesmo
para melhor me entender

— 60 —

MARIA PRETINHA

Menina Maria Pretinha
— cria de casa do Sinhô —
ria de tudo que eu fazia:
malvadeza, estrepolia,
brincadeiras,
choradeiras;

até quando caí da garupa da "Branquinha"
Eu acho que Maria Pretinha
gostava do filho do sinhô!
Mas a pobreza e a côr
e a tristeza
de não saber quem eram seus pais,
faziam Maria Pretinha
ficar bem caladinha,
sorrindo,
me olhando,
com seus olhinhos
pretinhos
piscando, brincando, brilhando,
fugindo, chorando.

Maria Pretinha
comia na mesa com o sinhô,
tinha brincos de ouro
(presente da madrinha).
Sempre limpinha,
trazia caldo de cana gelado pras visitas;
matava galinhas,

— 61 —

fazia dôce-de-côco,
cuscus de milho,
pamonha, munguzá,
que não ficavam pretos com a tinta de suas mãos
Um dia ouvi Maria Pretinha perguntar
a sinhá
se a Virgem Maria era prêta também,
se o Menino Jesus
brincava com menina prêta
e se os negrinhos também
poderiam ser anjos
no além.
Maria Pretinha
— nove anos de inocência —
banhava-se tanto no rio...
esfregava a carinha
com sabonete e sabão
pra ficar branca como o filho do patrão...
E a água ficava mais clara
depois do banho de Maria Pretinha...

Uma noite
— chovia muito... relâmpago, trovão —
trouxeram o doutor
para ver Maria Pretinha
que tinha febre,
delirava
e me chamava
pra levá-la na garupa da "Branquinha".

No outro dia
levaram Maria Pretinha
vestida de branco,
coberta de flores,
de véu e grinalda,
como uma noiva...

Parecia uma santa menina dormindo,
feliz e sorrindo,
no caixão.

Desde então
tenho saudade de Maria Pretinha
me olhando,
me namorando,
com seus olinhos
pretinhos
piscando, brincando, brilhando,
fugindo, chorando...

LAMENTO DO PAGÉ SOLITÁRIO

Minha taba está vazia
nem mesmo um curumirim
ficou de longe espiando medroso
o acordar de seu pagé
emboco a inúbia das grandes ocasiões
e convoco meus guerreiros

Estou sózinho comigo

Nem a corça ligeira
Prende o jovem caçador
que sonhou com troféus
tacapes tintos de sangue
mulheres cativas
dos peitos de cauim

Por que Tupã mandou meu povo à guerra
quando eu lhe ensinava amar a paz?

POEMA DO AMOR CHEGADO

Não batas à porta. Ninguém atenderá
Nem mesmo eu
que a poderia receber com flôres.
Estou parado, mudo, surpreço e feliz
ouvindo-te chegar.
A porta aberta diz
que há muito te esperava.

Apenas venha
e traga contigo a lenha
para o fogo do amor.
Ou não tragas nada.
Basta que venhas
e virá
atrás de ti o sol
enredado em teus cabelos,
tão longos como a solidão e o meu mònólogo.
Nem digas nada
se eu chorar as lágrimas ocultando
— o coração feliz também chora
e o chôro é uma forma de falar.
Agora,
tantas coisas pra dizer
e escrever
dizendo ao mundo que chegaste, enfim.

SE O MUNDO FÓSSE ASSIM

Se o mundo fôsse sómente nós dois,
sem esquinas ou desvios
no caminho;
se não houvesse nada além de pássaros
e estrélas
no espaço
sôbre nós;
se nos campos, flôres e frutos
bastassem para tôdas as fomes;
se nos mares apenas o arco-íris fôsse ponte
do céu à terra,
trazendo peixes e pérolas;
se o mundo fôsse sómente nós dois
ou se todos os homens
fôssem bons,
que ignorassem a guerra
por desconhecerem ódios e ambições;
que não sentissem mêsso nem remorsos
por não saberem o que é pecado;
que louvassem o amor
que santifica as emoções
e a dor;
que nunca houvesse a distância
entre os que se necessitam
e gritam
de ânsia
de amor;
que nada houvesse oculto
porque só existisse justiça e verdade;

— 66 —

se o mundo fôsse assim
eu gritaria bem alto que te amo...

E o meu grito
da caverna ao ninho
do mar ao infinito,
cada manhã,
despertaria tôdas as criaturas
para o canto festivo de agradecimento
ao Senhor;
— Eu te amo! Eu te amo! Eu te amo!
— Amém! Amém!
Nós amamos, também!

— 67 —

MEU PIÃO

Ah! meu pião
Meu pião era afamado
nas ruas de Bebedouro
— na antiga Avenida do Pilar —
custou um tostão
o meu pião,
era todo de azul pintado
e zumbia como um bezouro
raivoso.
Onde o jogava, ficava
no mesmo furo no chão
zubindo,
girando
até cair cansado de tanto girar.

No canto da unha,
na palma da mão,
suspenso no ar,
meu pião
me dava um prestígio entre os companheiros
de minha mocidade.
Eu era alguém entre os primeiros
na fraternidade
dos piões, papagaios, bolas de gude...
Vinhama campeões de longe
para rachar o meu pião
que até prendia os corações
das meninas de nossa rua.

Era um pião afamado,
invejado,
moleque,
que só sabia girar.

Meu pião tinha o encanto
do Universo a girar...
Era o meu mundo pequenino
na palma de minha mão!
Era o meu próprio destino
girando no chão;
era a bondade e a ternura
do menino
jogadas na poeira da rua;
eram as minhas ilusões
e a felicidade
sempre girando,
zubindo,
caindo.
Meu pião,
meu pião,
meu pião

NASCIMENTO DE UMA ARTISTA

Quando nasceste a Natureza inteira
Reuniu o que tinha de mais caro.
O Solo deu a gema verdadeira,
Num brilhante tão puro quanto raro...
Era a Terra, zelosa por se ver
Num corpo delicado feminino.
E disse, então, assim: Toma, Senhor,
A jóia que melhor pude fazer
Com ternura, carinho e devoção.
Coloca-a, espargindo a luz do amor,
Dentro do peito, em vez de coração.

Disse a noite: eu darei os seus cabelos!
O riso será meu — disse a Manhã.
A Primavera, cheia de desvelos,
Transformou-se nos lábios de romã.
— Que o nosso canto esteja na garganta
Dêste anjo-mulher, disseram as aves
Neste ponto, a saudade quis também
Dar um pouco de si e se levanta
Timida, humilde, frágil entre abrolhos:
— Rogo, Senhor, viver oculta, além,
Anônima, perdida nos seus olhos!

O Mar, distante, ouviu todo delírio
E ao Rio que chegava lhe pediu:
— Germina, meu irmão, um puro lírio
(O mais lindo e perfeito que se viu),

Dá-lhe a forma de duas mãos mimosas
— Mensageiras de paz e de inocência —
Leva-as ao Criador que está moldando
Um nôvo serafim. Maravilhosas
Preces de fé e amor hão de brotar
Destas mãos-flôres que estás embalando
E que um dia o mundo há de beijar!

Voltou o Rio. Então, o Céu falou:
— Eu darei o segredo da pintura,
O mistério das côres, e mais dou
O que não dei jamais à criatura
Alguma — músico, pintor, poeta:
O dom de traduzir na língua humana
O que sómente os anjos podem ver!
Esta é minha parcela... A que completa
A nossa criação mais esmerada.
Falta apenas, Senhor, para viver,
Que lhe juntes um'alma delicada.

Acabado o modelo, houve um momento
Em que tudo parou. Qual o destino?
Em que povo e local o nascimento
Se daria dêste anjo peregrino?
Silêncio! A voz de Deus, lá do Infinito,
Encheu o mundo pasmo de respeito:
— Terá que ser um povo varonil,
Que ame, cante e trabalhe; que bendito
Eu já o tenha entre todos mais...
Determino que seja no Brasil,
E do Brasil... para as Minas Gerais.

ÍNDICE

I PARTE

— Angústia	9
— Oferenda	10
— Saudade	11
— Saudade II	13
— Frustração	14
— Eu te amo	15
— Nostalgia	16
— Guerra	17
— Fracasso	18
— Amor	19
— Sentir Saudade	20
— Axioma	21
— Casamento	22
— Quando	23
— Se eu pudesse	24
— Poemeto do Operário Suburbano	25
— Credo	26
— Recordando a Infância	27

— Rapsódia Interior	28
— Esperança	29
— Sózinho	30
— Como Prece	31
— Filosofia	32
— Só	33
— Poemeto Inacabado	34
— Ocaso	35
— Ilusão	36
— Por que?	37

II PARTE

— Canto ao Caminheiro Só	41
— Apenas Oração	45
— O Andarilho	46
— A Dor de Cristo	48
— Não Entendo o Mundo Sem Azul	49
— Iniciação	50
— Meu Canto	51
— Madre Teresa	54
— Canto da Ressurreição	56
— Gênesis	58
— Silêncio Quase Nada	60
— Maria Pretinha	61
— Lamento do Pagé Solitário	64
— Poema do Amor Chegado	65
— Se o Mundo Fôsse Assim	66
— Meu Pião	68
— Nascimento de uma Artista	70
Índice	73

Obras publicadas de Waldick Pereira:

- *Ventos do Norte* — sonetos — Maceió - 1953
- *Trombetas de Jericó* - poemas - Maceió - 1953
- *Nova Iguaçu para o Curso Normal* — História Nova Iguaçu — 1969
- *A Mudança da Vila* — História — Nova Iguaçu — 1970
- *Caminhos* — poesias

A publicar:

- *Cemitérios Antigos de Iguaçu* — História
- *A Imprensa Iguaçana* — 1887-1968 — História
- *O Donzelo e outros contos* — contos
- *Trovas de Vintém* — trovas.

Capa de Luís Borges

Composto e Impresso em
ARSGRÁFICA - JOSÉ PEREIRA DA SILVA
Av. Duque de Caxias, 207 - Tel. 30-76
Duque de Caxias - Estado do Rio
CGCMF 29.332.228

